

Na comemoração dos 30 anos do Conselho Cultural da Universidade do Minho – uma “parábola” laica e livresca Ana Gabriela Macedo*

As minhas palavras hoje, neste breve testemunho enquanto Presidente do Conselho Cultural entre Novembro 2009 e Janeiro 2014, são essencialmente palavras de agradecimento. O trabalho que foi construído pela Direcção do Conselho Cultural da Universidade Minho ao longo desses quatro anos, que agora sinto, passaram a voar (um bom sintoma!) foi essencialmente um trabalho em equipa, desde logo com o Dr. Henrique Barreto Nunes, Vice-Presidente do Conselho, as Dras. Francisca Xavier e Cândida Marcelino, e em estreita relação com a Reitoria da Universidade do Minho, na pessoa do Professor António Cunha. Não é portanto, de modo nenhum, mérito de uma pessoa, mas sim de uma sólida equipa. Muito sumariamente, referirei alguns dos momentos chave desta minha/nossa trajectória no Conselho Cultural da Universidade do Minho.

* Professora Catedrática do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Presidente do Conselho Cultural entre Novembro de 2009 e Janeiro de 2014.

Em primeiro lugar, saliento o empenho colocado em alargarmos efectivamente a rede de contactos do CC com o meio envolvente, e o diálogo informal e cultural com a academia e as comunidades urbanas de Braga e Guimarães, através da aposta na construção de uma rede de “afectos”, que se foi revelando a pouco e pouco uma realidade possível e “efectivamente” conseguida, creio. A cada vez maior afluência de público exterior à Universidade às exposições (fotográficas, de pintura, bibliográficas, arquivísticas), espectáculos e palestras que organizámos, aos recitais de poesia, *performances* e leituras dramatizadas, devem-se em larga medida às sinergias intensas estabelecidas pelo Conselho Cultural, como um todo, com as Unidades culturais que compõem este Conselho. Desde logo, o Museu Nogueira da Silva, na pessoa do seu director, o Doutor Carlos Corais, o Centro de Estudos Lusíadas e a sua Directora Prof.^a Virgínia Pereira, a Unidade de Arqueologia e a sua Directora, a Prof.^a Manuela Martins, a Biblioteca Pública de Braga e o Arquivo Distrital de Braga e os seus Directores, Dr. Elísio Araújo e Dr. António Sousa, a Casa Museu de Monção e o seu Director, Prof. Viriato Capela, a Unidade de Educação de Adultos, o Prof. Rui Vieira de Castro. E ainda aos membros externos que nos deram a honra de integrar este Conselho alargado, o Presidente da Sociedade Martins Sarmiento, Dr. António Amaro das Neves; o Director do Museu Alberto Sampaio; o Dr. João Fernandes (Director do Museu de Serralves); o Prof. Alexandre Quintanilha (Professor Catedrático da Universidade do Porto); a Dr.^a Carla Soares Barbosa (Directora da Academia de Música de Viana do Castelo); o Prof. Ramón Vilares (Presidente do Conselho de Cultura Galega); o Dr. Rui Prata (Director do Museu da Imagem); o Dr. José Manuel Mendes (Presidente da Associação Portuguesa de Escritores). Acrescento a esta lista a RUM (Rádio Universitária do Minho), elemento essencial nesta triangulação, o Estaleiro Cultural Velha a Branca, a Escola de Dança Arte Total e, como não podia deixar de ser, o Sindicato de Poesia, aliados sistemáticos das realizações do Conselho Cultural. Sem esta “rede de afectos” incondicionais, a operacionalização dos objectivos que nos propusemos levar a cabo durante os quatro anos de Direcção do CC, nada, rigorosamente, teria sido factível. Vale aqui referir como ponto de convergência de todas estas valências, das suas especificidades e vontade expressa de colaboração inter-institucional, a realização do I *Festival de Outono* da Universidade do Minho, que teve lugar em Braga e Guimarães entre 29 de Setembro e 2 de Outubro de 2010, iniciando assim um ritual de

celebração da cultura em contexto universitário, que se vem repetindo desde então, anualmente.

Aproveito assim a oportunidade para manifestar a todos e todas acima referidos, o meu profundo reconhecimento pela sua generosidade intrínseca e, não posso deixar de reconhecê-lo, a sua amabilidade para comigo, pessoal e institucionalmente.

Ao Sr. Reitor, Professor António Cunha, e ao Sr. Vice-Reitor, Professor Rui Vieira de Castro, o meu muito obrigada por me terem convidado para enfrentar este desafio e esta responsabilidade de ter sido, durante os anos do meu mandato, a “cara da Cultura” na Universidade do Minho. Confesso que foi um grande susto inicial – o peso da responsabilidade institucional – que pouco a pouco se foi desvanecendo, e que fui aprendendo a relativizar, apoiada sobretudo no meu colega Henrique e no secretariado do Conselho. Muito obrigada em especial ao Sr. Reitor, pela total confiança em mim e por toda a imensa disponibilidade para acudir às minhas várias aflições.

Termino esta breve intervenção com uma referência a um texto (não podia deixar de ser, no caso!) uma espécie de parábola, de um autor que muito admiro pela sua audácia e mestria literária, estendendo as suas palavras em torno da literatura à Cultura em geral e ao seu significado no social, tão importantes de evocar hoje, no mundo globalizado em que vivemos, onde as Ciências Sociais e Humanas aparecem sistematicamente como o “parente pobre” da sociedade. Um assunto sobre o qual urge as Universidades tomarem posição e enfrentarem com igual audácia, sob pena de nada valerem todas as acções culturais que possamos querer empreender.

Trata-se de um texto de Salman Rushdie intitulado “Mas já nada é sagrado?” (1998), publicado em tradução na revista *Granta* Portugal (vol.2). Nele, Rushdie, um mago das palavras e da sua polivalência semântica, bem assim como da função da literatura no político e no social, valendo-se para isso muitas vezes de uma ironia “des-sacralizadora” e mordaz, elabora uma profunda sátira em torno da seguinte afirmação aparentemente inocente, dita em tom confessional: “Cresci a beijar livros e pão”. E de seguida afirma, em tom jocoso: “Nos lares devotos da Índia, as pessoas tinham por hábito – e ainda têm – beijar os livros

sagrados. Mas nós beijávamos tudo. Beijávamos dicionários e atlas. Beijávamos livros de Enid Blyton e banda-desenhada do Super-Homem. Se algum dia eu tivesse deixado cair a lista telefónica, provavelmente também a teria beijado” (p.23). E mais adiante, agora num outro tom, necessariamente ainda perturbado em consequência da perseguição pessoal e da sentença de morte (a *fatwa*) de que fora alvo após a publicação do seu romance *Os Versículos Satânicos* (1989), afirma o autor: “É sempre para mim um choque conhecer pessoas sem interesse pelos livros e pessoas que troçam do acto de ler, para não falar nisso de escrever (...). Temos vindo a assistir ao ataque a uma forma particular de ficção que é também um ataque à própria ideia do romance, uma investida tão feroz, que se torna necessário defender o que há de mais precioso na arte literária – reagir à agressão, não com outro ataque mas com uma declaração de amor. (...) Não, nada é sagrado em si e por si. Ideias, palavras, até pessoas podem ser sacralizadas – mas, embora tais entidades, uma vez estabelecido o seu carácter sagrado, procurem proclamar o seu próprio carácter absoluto, a sua inviolabilidade, o acto de tornar algo sagrado é na verdade um acontecimento histórico” (p.24-5).

E com esta breve “Parábola” laica e livresca, termino o meu rememorar da uma trajectória e vivência no Conselho Cultural da Universidade do Minho, comemorando a efeméride dos seus 30 anos de consolidação como uma fulcral estrutura orgânica da Universidade do Minho.

Novembro de 2016.